

Espaços de afinidade: teoria e prática do uso de redes sociais na sala de aula

Roger Alberto Aburto Villalta¹, Lilian Bartira Santos Silva²

¹Faculdade de Educação – UFBA, Salvador – Bahia – Brasil.

²Faculdade de Educação – UFBA, Salvador – Bahia – Brasil.

rogeraav25292@gmail.com, lilianbartira10@gmail.com

Abstract. *Digital culture and the increasingly use of digital social networks by students, changed how teachers think of their strategies in the classroom. Nevertheless, how to encourage a critical use of digital social networks and encourage dialogic learning in the classroom? The mini-course held at CTRL+E aimed to present to the participants the concept of affinity spaces (DUSSEL & QUEVEDO, 2010; SQUIRE, 2011), as a strategy to provide students with creative and citizen writing exercises, through digital environments they already know and use. The results include, among others, a collaborative production of audiovisual narratives published on Instagram.*

Resumo. *As mudanças impostas pela cultura digital têm exigido dos professores estratégias de aproximação entre a sala de aula e as redes sociais digitais amplamente utilizadas pelos estudantes. No entanto, como fomentar o uso crítico das redes sociais digitais e estimular aprendizagens dialogadas com a sala de aula? O minicurso realizado no CTRL+E teve como objetivo principal apresentar aos participantes os espaços de afinidade (DUSSEL & QUEVEDO, 2010; SQUIRE, 2011) como estratégia para oportunizar aos estudantes exercícios de escritas criativas e cidadãs, a partir dos ambientes digitais que lhes são mais comuns. Os resultados incluem a produção colaborativa de narrativas audiovisuais publicadas na plataforma Instagram.*

1. Introdução

As possibilidades dos ambientes virtuais de aprendizagem (AVA) são diversas e propositivas, entretanto, geralmente subutilizadas, seja pela falta de capacitação técnica docente e discente, ou porque, nos últimos anos, a EAD transformou-se em estratégia mercadológica, resultando numa compreensão restrita quanto ao uso das tecnologias digitais nessa modalidade educativa, tornando as aulas virtuais pouco agradáveis.

Criar boas práticas dentro dos AVA e potencializar as experiências dos estudantes através de dinâmicas estimulantes e colaborativas não são tarefas simples, especialmente no contexto pandêmico atual, onde somam-se demandas imediatas por soluções educativas num ritmo superior à nossa familiarização com essas plataformas.

Diante da situação supracitada, é interessante que o docente aproprie-se das soluções já utilizadas por seus alunos, a fim de aproximar-se dos hábitos, práticas e relações que a juventude desenvolve em rede, promovendo atividades que ampliem o uso e a percepção das potencialidades da cultura digital. Dessa forma, esse minicurso propôs o uso das redes

sociais digitais –que se constituem como “espaços de afinidade” (Dussel & Quevedo, 2010) das e dos jovens–, especialmente Instagram® (IG), como um recurso didático a mais, para a introdução ou reforço dos temas abordados nas disciplinas EAD.

Neste minicurso abordamos a produção de vídeos curtos através da função “stories” do IG e o uso de hashtags (#) e tags (@) como hipervínculos, que nos permitem acessar conteúdo criado por milhões de pessoas, gerando conhecimento baseado na colaboração e inteligência coletiva. Além disso, conhecemos outros aplicativos e funções que nos permitem explorar as potencialidades da cultura digital, visando uma aproximação progressiva da perspectiva autoral possibilitada pelas tecnologias digitais.

Este minicurso não pretendeu supervalorizar o uso das plataformas de redes sociais digitais na mediação de cursos e/ou aulas virtuais. Embora sejam espaços de afinidade populares entre jovens, também têm desvantagens, como o fato de serem plataformas fechadas e monetizadas. No entanto, aos docentes, é recomendável ampliar experiências em diferentes ambientes de aprendizagem. Os espaços de afinidade podem ser uma porta de entrada importante para exercícios de aprendizagem online, pois enriquecem a interação docente-discente, estimulam a descoberta de novos ambientes e possibilitam a problematização de cada uma delas.

2. Fundamentação teórica

As tecnologias digitais descentralizaram os dispositivos de produção e circulação de narrativas. Memes, gifs, vídeos, áudios, fotos, as possibilidades são diversas e difundem-se velozmente pelas plataformas de rede, conectando pessoas, perfis, grupos, tecendo teias narrativas individuais e coletivas. Se antes, as narrativas midiáticas eram elaborações restritas aos profissionais da comunicação, hoje, em seus múltiplos formatos, elas permeiam indistintamente as redes sociais digitais dos indivíduos.

O contexto contemporâneo mediado pelas redes digitais caracteriza-se, principalmente, por novas dinâmicas culturais que movimentam e geram sociabilidades diversas, tanto de produção quanto de consumo. Todos se tornaram narradores, produtores, protagonistas do contar. Nas redes, o comportamento prosumidor, produtor que consome/consumidor que produz, (TOFLER, 1980) é verificável e impulsionado pelas próprias dinâmicas interativas (e comerciais) das plataformas e aplicativos.

Essas plataformas viabilizam a produção e publicização de conteúdo a partir de inúmeros recursos de edição e formatos que estimulam, significativamente, o volume de postagens e consumo na internet, cujas narrativas são fragmentadas, remixadas, linkadas e replicadas. As temáticas vão desde conteúdos políticos a esquetes de humor. Algumas plataformas oferecem, inclusive, bases pré-prontas para facilitar e fomentar a produção audiovisual.

A linguagem hipermidiática das redes potencializou o hibridismo entre interação, produção e consumo, daí o termo prosumer ter sido apropriado, a priori, pela publicidade e marketing empresarial, e, seguidamente, por pesquisadores. Compreender as dinâmicas sociais originadas e fomentadas nos e a partir dos ambientes digitais se tornou uma questão importante para diferentes áreas do conhecimento, dentre elas: educação, comunicação e sociologia.

Dessa forma, para além das perspectivas de entretenimento, como fomentar um uso propositivamente crítico desses ambientes? Sobre isso, outro conceito importante precisa

ser abordado: o emerec. Embora pareçam conceitos similares, “emirec y prosumidor no evocan la misma realidad”. (APARICI & GARCÍA-MARÍN, 2018, p. 72) Pensado por Cloutier, na década de 70, grosso modo, o emirec também é o consumidor que produz e o produtor que consome; a diferença proeminente está nas bases onde cada conceito é estruturado. Diferente do prosumer, que surge uma década depois, e ganha relevância conceitual através de Henry Jenkins (2009) e suas discussões acerca da convergência midiática (atreladas, principalmente, ao mercado do entretenimento transmidiático), o emerec implica um comunicar cidadão, comprometido com propósitos políticos transformadores.

Nesse sentido, a importância de pensar sobre esse conceito e sua relação com a cultura midiática e digital a partir do campo da educação encontra relevante congruência, sobretudo porque a escola pode (e deve) formar jovens críticos e atuantes também na esfera digital, sendo assim, os professores constituem peças importantes de influência e formação, estreitando diálogos culturais e oportunizando aos estudantes exercícios significativos de escritas criativas e cidadãs.

O uso intensivo das tecnologias modificou e potencializou experiências, linguagens, criatividades, narrativas, consumos, arte, ciência e a comunicação em todas as suas dimensões (MARTÍN-BARBERO, 2014). É notória a revolução provocada nas formas de aprender, apreender e produzir conhecimento a partir dessa mediação tecnológica. Sem desconsiderar a lógica capitalista vigente, fato é que a escola precisa dialogar com o contexto cultural do qual faz parte, e isso inclui apropriar-se dos meios comunicacionais e suas tecnologias. Não integrá-los a fim de cumprir uma exigência do estado ou mercado, mas com o objetivo de conectar as vivências do seu ambiente interno às experiências basilares que estão postas fora dela, explorando suas múltiplas potencialidades.

A escola apta a enfrentar as demandas atuais não pode se comportar dicotomicamente, antes, precisa aproximar-se e contribuir culturalmente com seus agentes internos e externos, contextos e realidades, ampliando perspectivas que envolvam variados campos de experiência e aprendizagens. De acordo com Bonilla e Pretto (2015), a organização das escolas e da educação brasileira precisa assumir “a ideia de uso das tecnologias digitais como elementos estruturantes da cultura digital” (p. 508), isso implica: acesso às tecnologias, formação contínua de professores, investimento em infraestrutura e suporte técnico necessário.

O imprescindível ajuste da escola é, portanto, cultural. “Diferentemente do que acontece na vida diária dos estudantes, os sistemas educacionais continuam concentrados, quase exclusivamente, na linguagem verbal”. (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 187) Imersos numa cultura imagética, de acesso imediato a fontes, dados e informações, os estudantes encontram no espaço escolar uma realidade divergente. Martín-Barbero conflui com essa concepção e corrobora:

[...] somente a partir da assunção da tecnicidade midiática como dimensão estratégica da cultura, a escola poderá se inserir nas novas figuras e campos de experiência em que se processam os intercâmbios entre escrituras tipográficas, audiovisuais e digitais, entre identidades e fluxos, assim como entre movimentos cidadãos e comunidades virtuais. (idem, p. 44).

Educação e cultura não se dissociam. Por essa razão, é necessário que a escola permita-se ser afetada pelas dinâmicas culturais que atravessam seus sujeitos. Assim, nesse processo interativo e dialógico, princípios relevantes e característicos da cultura digital podem conferir-lhe um potente contorno: colaboração, compartilhamento,

criação/produção, motivação e comunicação; fomentando a produção coletiva, crítica e criativa.

O caminho que propusemos no minicurso ofertado é uma estratégia para o diálogo cultural entre estudante e professor, entre o virtual e o presencial, entre as redes e a sala de aula. Os espaços de afinidade, como veremos a seguir, reúne características importantes para atividades fecundas em aprendizagens e criticidade.

Os espaços de afinidade são caracterizados por permitir a participação e afiliação voluntária, com limites flexíveis e uma grande facilidade para entrar e sair. Nelas é possível explorar e socializar tópicos de interesse comum e desenvolver competências e habilidades sociais, cognitivas e digitais avançadas (DUSSEL & QUEVEDO, 2010; SQUIRE, 2011). Um bom exemplo destes espaços podem ser as redes sociais digitais amplamente utilizadas pelo coletivo discente.

Estes espaços surgem a partir de interesses comuns de determinado grupo e oferecem liberdade de participação e de produção de conteúdos sem padrões hierárquicos (novatos e especialistas participam da mesma forma), dessa maneira garantem uma participação criativa – em vez de apenas o consumo de conteúdos– e que a criação dos conhecimentos baseie-se na inteligência coletiva (GARCÍA-ROCA, 2016). Essa dinâmica gerada nos espaços de afinidade é a manifestação de uma mudança profunda na produção de conhecimentos, que passou de hierárquica para multidirecionada.

Com base nesses fundamentos teóricos, o minicurso ofertado no Ctrl+E 2021, promoveu discussões acerca das possibilidades que a apropriação destes espaços pode trazer para a práxis docente.

3. Percorso metodológico e resultado das experiências

O minicurso foi estruturado em duas partes, de forma a equacionar teoria e prática. Iniciamos a atividade na plataforma google meet, na qual, apoiados pelo uso de slides, introduzimos conceitos que seriam os fios condutores dos diálogos com os participantes, dentre eles, os relacionados à cultura midiática e digital (multimodalidade, multiplicidade de narrativas, prossumidor). Uma vez introduzidos esses temas, fizemos uma primeira pausa para motivar o diálogo, para isso pedimos que todos migrassem de plataforma e entrassem no perfil do instagram de um dos ministrantes do curso (@red032u) onde foram disponibilizados vídeos nos stories. Nesse primeiro deslocamento para o IG, Lilian Bartira expôs (nos stories) três questionamentos relacionados à “novidade” da figura do professor influenciador, sua performance e o uso da linguagem das redes sociais na sala de aula, que iríamos discutir posteriormente em grupo, no retorno ao meet.

Produzimos os vídeos utilizados nos stories com os recursos de gravação e edição disponíveis no aplicativo instagram e as legendas com o aplicativo Capcut. A dinâmica de fazer os participantes transitarem entre plataformas, foi idealizada como forma de mostrar, em tempo real, para os participantes como integrar a rede social instagram, suas linguagens e as ferramentas disponibilizadas por ela, na sala de aula (virtual ou não).

Após esse primeiro espaço de diálogo, apresentamos um vídeo do influencer Ivan Barón (@ivanbaron) para exemplificar como a democratização da comunicação através das redes sociais e a mobilidade das tecnologias digitais fizeram com que a produção de conhecimentos e formação política e cidadã transcendiam os limites dos espaços de

educação formal e, assim, abordar o conceito - emerec. Logo a seguir, adentramos à discussão sobre a relação entre a escola, as artes e as tecnologias para pensarmos as melhores formas de explorar as potencialidades que as tecnologias digitais possibilitam para estimular aprendizagens.

Numa segunda etapa de discussão, os participantes foram direcionados a voltar aos stories do instagram, desta vez para assistir um vídeo que o professor Nelson Pretto (GEC-UFBA) gravou como contribuição para esse curso, em que defendia a figura do professor influencer desde a perspectiva do intelectual público. Após o tempo estabelecido, voltamos para mediar a discussão na sala do meet e assim fechar essa primeira parte do minicurso.

Para dar início à parte prática do curso, apresentamos uma experiência, ocorrida numa universidade da Nicarágua, em que as redes sociais foram utilizadas como estratégia para melhorar a práxis docente e discente numa disciplina totalmente mediada pelas tecnologias digitais, e que inspirou diretamente a criação desse curso. A disciplina em questão começou a ser ofertada unicamente como disciplina virtual, embora estivesse inserida num currículo totalmente presencial. Essa incongruência criou um sério desconforto no coletivo discente, pois grande parte dos estudantes e professores não tinham a preparação técnica para o uso propositivo dos ambientes virtuais de aprendizagem (AVA).

A situação supracitada ficou ainda mais evidente nas avaliações docentes e do curso realizadas de forma anônima pelos discentes, nas quais expressaram inconformismo e propuseram recomendações quanto ao uso de plataformas em que eles e os docentes já estivessem familiarizados. Numa tentativa de acolher tais recomendações, um professor (Roger Aburto, autor desse minicurso) criou uma prática a partir dos espaços virtuais que seus alunos e alunas já frequentavam, bem como suas linguagens e conteúdos, visando a criação de experiências significativas de aprendizagens que, por fim, deram resultados muito satisfatórios.

Após conhecer essa experiência, pela terceira vez os participantes se deslocaram para o instagram, a fim de ver a última parte de vídeos disponibilizados nos stories. Desta vez, Roger explicava as potencialidades do uso de hipervínculos nos espaços de afinidade para o fomento da inteligência coletiva na criação de conhecimentos, como também demonstrava o funcionamento da dinâmica gerada pelo uso de hipervínculos estreitamente relacionados às redes sociais como é o caso das hashtags (HT) (#). Para exemplificar essa dinâmica – chamada por Lemos (2009) como “download do ciberespaço”– o vídeo protagonizado por Roger (também publicado nos stories) foi gravado com o filtro do instagram chamado “chroma key”, que cria um efeito de tela verde para substituir o plano de fundo do vídeo. Esse recurso possibilitou a obtenção de dois planos para a confluência dos objetivos e conteúdos da atividade: enquanto Roger explicava a dinâmica das HT em primeiro plano, no segundo, um vídeo-captura de tela do aplicativo instagram, com a busca pela HT #Talibã, demonstrava a convergência de inúmeros conteúdos sobre o tema, mas abordados desde perspectivas muito diferentes. A HT #Talibã foi o tema escolhido por sua relevância midiática na semana em que foi realizado o minicurso. Ao término do vídeo, os participantes retornaram ao meet.

De volta ao meet, os participantes foram incumbidos da tarefa de aliar a teoria à prática: produzir um vídeo com os recursos do instagram para publicar nos stories de suas próprias contas, em que abordasse um tema específico de cunho sociopolítico. Para

realizar a atividade, os participantes se agruparam segundo eixos temáticos de escolha voluntária, dentro dos temas propostos: “sommelier de vacina”, terraplanismo, racismo reverso, LGBTfobia, voto impresso e anticapacitismo. Após a formação dos grupos, eles deveriam migrar para suas respectivas salas para discussão do tema, criação do roteiro e produção do vídeo, tarefa colaborativa e com prazo de uma hora para entrega. Depois de prontos, os vídeos foram publicados nos stories do instagram de um dos integrantes do grupo, com utilização da hashtag #InfluencerCTRLLE e marcação das contas dos ministrantes do curso.



Figura 1. Capturas de tela de algumas das produções audiovisuais resultantes do minicurso “Instagram stories como estratégia para experiências em EAD”.

4. Considerações

A dinâmica planejada para o minicurso compreendeu desde a discussão teórica sobre conceitos relevantes para os estudos da cultura midiática e digital e sua necessária articulação com a realidade das práticas docentes em salas de aula presenciais e remotas, até a produção de uma peça audiovisual para o Instagram.

Todo o processo formativo se deu em formato de roda de conversa, de forma que todos os participantes tiveram oportunidade de compartilhar e somar conhecimentos, relatos de experiências, questionamentos e problematizações. A interação e a construção coletiva descentralizada balizaram as quatro horas da atividade, ratificando a importância de explorar as potencialidades dos ambientes digitais, perseguindo princípios colaborativos e horizontalizados, elementos que as tecnologias por si só não são capazes de garantir.

As produções resultantes da atividade prática demonstraram a potência crítica e criativa de um exercício iniciado com a reflexão sobre a temática a ser abordada, e, em seguida, produzido a partir do compartilhamento de ideias e decisões acordadas em grupo.

Os depoimentos entusiasmados dos participantes ao final da atividade validam a possibilidade de produzir conhecimento com recursos digitais mínimos (internet e smartphone), a pertinência de propor os espaços de afinidade como estratégia para

estreitar o diálogo entre professores e estudantes e a relevância de contribuir para a formação de jovens emerecs e não apenas prosumers.

Atribuímos o êxito da atividade ao planejamento cuidadoso de cada etapa do processo, ao diálogo e compartilhamento de saberes permanente que os ministrantes empregaram nesta atividade conjunta, às reflexões teóricas que a subsidiaram e à inspiração embasada na experiência de um dos autores deste minicurso em sala de aula.

5. Referências

APARICI, Roberto; GARCÍA-MARÍN, David. Prosumidores y emirecs: Análisis de dos teorías enfrentadas. *Comunicar*, nº 55 v. XXVI. Revista Científica de Educomunicación. España, 2018. P: 71-79.

BONILLA, Maria Helena Silveira; PRETTO, Nelson De Luca. Política educativa e cultura

digital: entre práticas escolares e práticas sociais. *PERSPECTIVA*, Florianópolis, v. 33, n.2, maio/ago. 2015, p. 499 – 521.

GARCÍA-ROCA, Anastasio. Prácticas lectoras en espacios de afinidad: formas participativas en la cultura digital. *OCNOS*, nº 55. Revista de estudios sobre lectura. España, 2016. P: 42-51. DOI 10.18239/ocnos_2016.15.1.979

GARCÍA-ROCA, Anastasio. Lectura virtualmente digital: el reto colectivo de interpretación textual. *Cinta moebio*, nº 67. Revista de epistemología de ciencias sociales. Chile, 2020. P: 65-74. <https://doi.org/10.4067/S0717-554X2020000100065>

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2009.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *A comunicação na educação*. São Paulo: Contexto, 2014.

TOFFLER, A. *The third wave*. New York: Bantam Books, 1980.

Vázquez-Calvo, B.; García-Roca, A.; López-Báez, C. Domesticar la “selva digital”: el fanfiction a examen a través de la mirada de una fanfictioner. *EDMETIC*, nº 9. Revista de Educación Mediática y TIC. España, 2016. P: 21-51. DOI <https://doi.org/10.21071/edmetic.v9i1.12239>